



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**GERUSA DOS SANTOS DE SOUZA**

**O DESENVOLVIMENTO DE ASPECTOS PSICOMOTORES DA  
CRIANÇA ATRAVÉS DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR**

Salvador  
2016

**GERUSA DOS SANTOS DE SOUZA**

**O DESENVOLVIMENTO DE ASPECTOS PSICOMOTORES DA  
CRIANÇA ATRAVÉS DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR**

Trabalho de conclusão de curso de especialização em Docência na Educação Infantil apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia orientado pela professora Cláudia Pedral.

Salvador  
2016

**GERUSA DOS SANTOS DE SOUZA**

**O DESENVOLVIMENTO DE ASPECTOS PSICOMOTORES DA CRIANÇA  
ATRAVÉS DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal da Bahia, sendo requisito de avaliação para obtenção do título de especialista, Salvador-Ba.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Claudia Pedral

Terapeuta Ocupacional, Psicomotricista e psicoterapeuta

Especialista em Educação Especial

---

Prof. . (a) Ingrid Campos de Oliveira Miranda

Psicopedagoga e Psicomotricista

e mestrado em Educação pela Universidad Interamericana-PY

Salvador

2016

*“E toda a humana docência para inventar-se um  
ofício ou morre sem exercício ou se perde na  
experiência...”*

*Cecília Meireles*

À Luciane Lima (in memoriam), amiga e colega de trabalho, que iniciou o curso juntamente comigo, mas que infelizmente, sua presença foi interrompida nos deixando saudades e um questionamento: o que é mesmo importante nessa nossa caminhada chamada vida?

## **AGRADECIMENTO**

Lembrar que se não fosse pela colaboração do outro nessa nova etapa a ser conquistada, tudo não passaria de uma simples vontade. E essa relação de solidariedade se dá sempre em meio à afetividade, palavra que tem o poder de curar. As diversas ajudas recebidas tiveram esse viés de cura, pois através dessa ação solidária muitos fatores que nos fazem mal foram diminuídos ou talvez banidos como por exemplo o estresse, a ansiedade, o medo, a desinformação, enfim as inúmeras dificuldades que nos cercam durante o processo de produção de um trabalho científico.

Sou grata primeiramente à Deus e ao meu Santo Expedito, de onde vem a minha fé e a minha esperança. Que me proporcionaram saúde, paz, coragem, sabedoria, tolerância e humildade para saber lidar com situações adversas.

Às minhas amigas, Denise Costa e Cátia Simone, que com sua generosidade, me tiraram muitas vezes do “sufoco” por conta da bendita formatação e pela companhia e apoio nos momentos difíceis.

Ao meu esposo Luís Cláudio Moreno pelo relevante apoio que me prestou em todos os momentos necessários e difíceis.

À amiga Elisângela Cerqueira, pela ajuda prestada durante esse processo, por meio do conhecimento do mundo da informática.

Aos meus alunos da educação infantil, que muito me ensinaram através da afetividade a olhar a vida com mais leveza. E à minha Diretora, pela indicação do curso ao qual participei e pelos incentivos e compreensões.

Às amigas, Sheila Karine, Jaci e Ivana pela companhia e apoio nos momentos em que me senti só.

E por fim, não por ser menos importante, mas pra fechar com chave de ouro, a minha inesquecível orientadora Claudia Pedral por sua generosidade, disposição, paciência, tolerância, presença sempre marcante e sabedoria.

## RESUMO

O trabalho que segue intitulado O Desenvolvimento de Aspectos Psicomotores da Criança Através da Mediação do Professor, teve como objetivo investigar a importância da mediação do professor no desenvolvimento psicomotor da criança, visando o seu alargamento integral na educação infantil, bem como os benefícios dessa estimulação e conhecimento do docente aos aspectos desenvolvimentista e a aprendizagem da criança; fundamentando-se na pesquisa bibliográfica, buscou-se uma abordagem inspirada na etnopesquisa, observação ao meu própria cotidiano pedagógico a fim de verificar a prática e o uso da técnica de psicomotricidade no desenvolvimento dos alunos. Como instrumento para coleta de dados, investigou-se através da observação e registro no diário de bordo as atividades envolvendo a psicomotricidade desenvolvidas com o grupo e as minhas intervenções mediante as mesmas. Os resultados obtidos a partir da análise dos dados revelaram um conhecimento superficial por parte da minha prática a respeito do uso e da técnica de psicomotricidade no desenvolvimento infantil, optando, na maior parte das vezes por atividades impressas, com uma prática que prioriza o cognitivo ao invés de atividades envolvendo o corpo.

**Palavras-chave:** Educação infantil. Psicomotricidade. Mediação

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2.HISTÓRICO DA PSICOMOTRICIDADE.....</b>	<b>11</b>
<b>3.DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR.....</b>	<b>17</b>
<b>4.O PAPEL DO PROFESSOR.....</b>	<b>28</b>
<b>5.METODOLOGIA.....</b>	<b>37</b>
5.1 Campos e sujeitos pesquisados.....	37
<b>6.APRESENTAÇÃO DOS DADOS – DIÁRIO DE BORDO.....</b>	<b>39</b>
<b>7.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>



## 1 – INTRODUÇÃO

A criança da educação infantil se desenvolve através do seu corpo em movimento, e essa ação é carregada de significados, pois ela percebe o mundo e toma consciência dele através desse corpo. Faz-se necessário esse estudo que tem como foco investigar a importância da mediação do professor no desenvolvimento motor da criança.

O interesse por esse tema, surgiu a partir de uma angústia. Eu percebia que na minha prática em sala de aula, eu não contemplava a psicomotricidade, acredito que seja por falta de um estudo aprofundado, insegurança na atuação, ou seja, por não ter conhecimento acerca das atividades psicomotoras.

A partir dessa situação, emergiu o seguinte problema: de que forma a mediação do professor pode favorecer ao desenvolvimento neuropsicomotor da criança? Esta pesquisa terá como meta investigar através da minha prática, a importância da mediação no desenvolvimento motor da criança na educação infantil.

Para realização desse estudo observei a minha própria prática. Analisarei de que forma a mediação implicou no desenvolvimento motor dos meus alunos de três e quatro anos.

Seguindo essa meta exposta, o presente trabalho pretende: discutir os aportes teóricos acerca do desenvolvimento psicomotor da criança; discutir a mediação do professor na educação infantil frente às atividades psicomotoras; verificar a prática e o uso da técnica de psicomotricidade no desenvolvimento infantil.

Essa pesquisa tem como enfoque a motricidade numa abordagem psicomotora, utilizarei como apoio teórico as concepções de Fonseca (1993, 2012) e de Bueno (1998).

Os referidos objetivos nortearão este trabalho que iniciará com um pequeno passeio pela história da psicomotricidade, relatando de forma breve o significado do corpo ao longo do tempo; como a psicomotricidade evoluiu através

da percepção de sua importância no desenvolvimento da criança, no segundo capítulo

No 3º capítulo, falarei sobre a relevância da motricidade para o desenvolvimento neuropsicomotor da criança, discorrendo sobre a necessidade do estímulo para a evolução da autonomia motora infantil. No seguinte capítulo, o 4º, será feita uma abordagem acerca do papel do professor na mediação das atividades psicomotoras e suas consequências no desenvolvimentos motor das crianças. No 5º capítulo explanarei a trajetória metodológica no qual procurarei por meio da abordagem qualitativa, apresentar os sujeitos envolvidos na pesquisa. No 6º capítulo apresentarei a análise dos dados através da observação da minha própria prática, registrada no diário de bordo.

E por fim, as considerações finais, no qual trarei as minhas reflexões observadas do meu cotidiano com os meus alunos de três e quatro anos, a respeito da importância da mediação no desenvolvimento motor da criança na educação infantil.

## 2 - HISTÓRICO DA PSICOMOTRICIDADE

Fazendo uma análise da minha prática em sala de aula para a época em que aceitei o desafio de realizar esse trabalho, lançado através da necessidade de abordar esse tema percebi, a grosso modo, que a psicomotricidade engloba alguns aspectos importantes, que futuramente irão influenciar todo o desenvolvimento da criança em vários âmbitos.

A psicomotricidade sendo uma área de extrema importância na formação do ser humano, sempre instigou a minha curiosidade, no sentido do desejo de apropriação de saberes referentes às necessidades das crianças da educação infantil.

Os cursos de formação não disponibilizam disciplinas que exploram a psicomotricidade. E essa falta de informação pode vir a influenciar a nossa prática em sala de aula, pois quando se tem o suporte teórico a respeito da psicomotricidade, sugere e embasa nossa postura diante das crianças, não mais deixando-as sentadas por longos períodos, investindo mais em atividades no parque e na manipulação de objetos diversos.

Na evolução histórica da psicomotricidade, segundo Bueno (1998), percebe-se que as civilizações americana e europeia foram as mais marcantes nesse processo evolutivo, destacando-se a escola francesa, a qual teve incisiva influência nos rumos que a psicomotricidade vem tomando.

Para se compreender o histórico da psicomotricidade, é necessário sabermos como foi visto o corpo ao longo da civilização humana. Alguns filósofos do corpo para Bueno (1998) se destacaram por suas colocações nessa área. Segundo ele, Platão já afirmava haver uma separação distinta entre corpo e alma, colocando o corpo apenas como um lugar de transição da existência no mundo de uma alma imortal. Para nos situar nessa trajetória histórica, Bueno (1998), traz ainda as contribuições de Aristoteles e Descartes afirmando que:

Aristoteles já via o homem como certa quantidade de matéria, o corpo moldada numa forma, a alma estabelecendo a esta última diferentes funções, e dentre elas a paixão. Descartes também, falava desse dualismo entre corpo e alma, acrescentando ainda à existência do ser ato de pensar (BUENO, 1998,p.21).

Figueiredo (2004) diz que o percurso histórico deste corpo discursivo e simbólico (eixo psicomotor) está marcado pelas diferentes concepções que o homem vai construindo acerca do corpo ao longo da história. A respeito dessas diferentes ideias em torno do corpo no decorrer da trajetória humana, Fonseca (2012) explica:

Da civilização oriental à civilização ocidental, e dentro desta, desde a civilização grega, passando pela idade média, até os nossos dias, a significação do corpo sofreu inúmeras transformações. Desde Aristóteles, passando pelo Cristianismo, o corpo, é de certo modo, negligenciado em função do espírito. Descartes, e toda a influência do seu pensamento na evolução científica, levou a considerar o corpo como objeto e fragmento do espaço visível separado do sujeito conhecedor (FONSECA, 2012, p.11).

:

Com base nos estudos de Fonseca (2012), o termo psicomotricidade surgiu a partir das experiências de Dupré no campo patológico, quando introduziu os estudos sobre a debilidade motora (FONSECA, 2012).

Em 1925, o médico, psicólogo e pedagogo Henri Wallon, na década de 20 inicia uma das mais relevantes obras no campo do desenvolvimento psicológico da criança e é provável, segundo Fonseca (2012), que ele seja o grande pioneiro da psicomotricidade, vista como campo científico. Sobre isso, o autor ainda comenta:

A obra de Wallon continuou durante décadas a influenciar a investigação sobre crianças instáveis, impulsivas, emotivas, obsessivas, apáticas, delinquentes, etc. A influência da sua obra, alastrou-se a vários campos de formação, quer psiquiátrica, quer psicológica e pedagógica (FONSECA, 2012, p. 12).

Correntes médico-pedagógicas e de educação física são igualmente influenciadas pelo pensamento original de Wallon, sendo o principal responsável pelo nascimento do movimento de reeducação psicomotora, superiormente conduzido por Ajuriaguerra e Soubiran (FONSECA, 2012).

Conforme Figueiredo (2004), as origens da psicomotricidade na Argentina estão estreitamente relacionadas com a criação dos primeiros institutos de

reeducação para deficientes mentais de diversos graus. Em 1949 são criadas mais duas escolas especiais que durante duas décadas são as únicas escolas estatais em funcionamento. No regulamento destas escolas fica situada a criação de uma área de psicomotricidade. Esta é a primeira vez que na Argentina é regulamentado e inscrito o trabalho psicomotor dentro deste âmbito particular do ensino especial.

No Rio de Janeiro foram criados cursos de formação de professores na área do Ensino Especial, sendo o ritmo um dos caminhos encontrados para estimulação dos deficientes (BUENO, 1998).

Em cada região do país, por volta da década de 60, de acordo com Bueno (1998), surgiam as primeiras técnicas reeducativas no campo da psicomotricidade e junto vieram os questionamentos sobre qual era a área profissional da psicomotricidade: a psicologia, educação física, o ensino especial, a fonoaudiologia. Escolas e métodos diferentes chegaram de outros países através de alguns profissionais como: Quiros, Le Bom Départ, Romain, Borel-Maisonny, que faziam curso no exterior (BUENO, 1998), e sobre isso o autor ilustra: “em Curitiba uma das primeiras influências datam de 1969, quando Relindes de Oliveira traz a formação de Simone Romain para cá, formação que fez com a própria profissional mencionada.

Wallon continua a influenciar, de acordo com a abordagem de Fonseca (2012), o pensamento psicológico da década de 70 com os estudos da comunicação envolvendo a afetividade, a socialização, a emoção; afirma que Wallon de fato é a pedra angular do edifício da psicomotricidade (FONSECA, 2012).

Além de Wallon, na década de 70, outros estudiosos influenciaram na evolução da psicomotricidade, segundo Bueno (1998) psicólogos gestaltistas como Lewin, dos fenomenólogos como Merleau-Ponty e dos desenvolvimentistas como Gesell, Piaget aliados a neurobiólogos como Diatkine e Ajuriaguerra, trazem à tona a constatação de um corpo que possui afeto, mas ainda um corpo mudo, um corpo que recebia as informações e movimentos e executava-os conforme seu entendimento, mas sem expressão. Diz Bueno (1998) que:

A trajetória psicológica sobressaía-se e a emoção começava a entrar no movimento. É o período que abrange a época do final da Segunda Guerra Mundial até meados da década de 70. A psicomotricidade passa a tomar um novo rumo na qual as práticas aproximam-se da visão global do indivíduo e se organizam com o exame psicomotor e da reeducação psicomotora (BUENO, 1998, p. 22).

Surtem então os sindicatos de reeducação psicomotora e algumas instituições, como o Instituto Superior de Reeducação Psicomotora fundada em 1967 por Gisele Soubiran. Segue-se a caminhada da psicomotricidade, na qual, de acordo com Bueno (1998), passa-se a investir num corpo expressivo, que fala, emite significados, dando-se espaço para a harmonia entre a expressão do corpo e a afetividade. Sua prática envolve técnicas corporais diversificadas como a eutonia, que é uma prática corporal e educacional ao qual equilibra o tônus muscular, criado por Gilda Alexander, a partir de um processo de autocura; a antiginástica, método original de bem estar que permite a cada um se conhecer melhor; a psicomotricidade relacional, prática educativa de valor preventivo com foco na saúde e não na doença; a expressão corporal, dentre outros.

Segundo Figueiredo (2004), historicamente, desde o ano de 1900 até a presente data, o percurso e a evolução do campo psicomotor desenvolvem – se de acordo com os diferentes cortes que vão modificando e esboçando um acionar clínico e específico. A autora traz os três cortes epistemológicos.

O primeiro, que é reeducação motora, define como uma etapa ao qual a influência da neuropsiquiatria é determinante numa clínica centrada no aspecto motor e num corpo instrumental, ferramenta de trabalho para o reeducador.

O segundo corte – psicomotricidade relacional - é explicado como sendo uma passagem do motor ao corpo, aonde esse é transformado num instrumento de construção da inteligência humana. O olhar não mais estará situado no motor, mas num corpo em movimento. Figueiredo (2004), afirma que desta forma já não se trata de uma reeducação, mas de uma terapia psicomotora que se ocupa, observa e opera num corpo em movimento que se desloca, que constrói a realidade, que conhece à medida que começa a movimentar – se, que sente, que se emociona e cuja emoção manifesta –se tonicamente.

Ela diz ainda que essa segunda abordagem e este enfoque “global” do corpo da pessoa estariam determinados por três dimensões nas quais o

psicomotricista centrará o seu olhar: uma dimensão instrumental, uma dimensão cognitiva e outra dimensão tônico – emocional.

A referida autora continua sua abordagem conceituando então o terceiro corte epistemológico – clínica psicomotora - expondo que tal corte tem a contribuição da teoria psicanalítica e que a partir daí surge uma virada conceptual fundamental, e que já não centra seu olhar num corpo em movimento mas num sujeito com seu corpo em movimento. Já não se trata mais de uma “globalidade”, de uma totalidade, mas de um sujeito dividido, escondido, com um corpo real, imaginário e simbólico.

Este terceiro corte, para a autora, viria a fundar uma clínica psicomotora centrada no corpo de um sujeito desejante, e não mais numa terapêutica fundamentada em objetos e técnicas.

Figueiredo (2004) declara que ao longo da história do âmbito psicomotor podem ser especificados diferentes transições: do motor ao corpo e deste ao sujeito com um corpo em movimento. Já não é possível confundir o corpo com o sujeito, ou o sujeito com o corpo. A autora diz que eles não são sinônimos nem equivalentes e é justamente porque tampouco podem desamarrados um do outro que a psicomotricidade é nomeada e portanto existe.

Acerca dos cortes Figueiredo (2004) evoca:

Estes cortes e passagens não só respondem a um devir histórico, mas fundamentalmente a diferentes interrogações que a prática clínica foi gerada. São passagens lógicas e não cronológicas, respondem a uma lógica determinada sustentada numa concepção particular acerca do sujeito e que trazem consigo diferentes respostas teóricas, clínicas e éticas (FIGUEIREDO, 2004, p.32).

Nessa mesma década de 70 a psicomotricidade eclodiu no Brasil com duas correntes distintas: a dos profissionais que aplicavam os métodos vindos do exterior, ou pelas bibliografias estrangeiras existente de forma rígida e copiada e a dos profissionais que por meio da prática corporal na reeducação e educação, generalizavam tudo como psicomotricidade. Aos poucos foram surgindo profissionais que usavam de tudo um pouco de cada método, com o objetivo de estabelecer uma linha de trabalho aplicável com a realidade (BUENO, 1998).

Ainda percebia a tendência de ligação entre a psicomotricidade e os distúrbios neurológicos. Só em 1977, com a vinda de Françoise Desobeau, é que se começou a ver a psicomotricidade também como terapia, relevando a partir daí o jogo, a espontaneidade e simbolismo corporal do indivíduo. Surgiu com isso a necessidade de fundamentar a formação do psicomotricista e fortalecer essa nova linha de atuação, a qual culminou com a criação da Sociedade Brasileira de Terapia Psicomotora em 1980 (BUENO, 1998).

A partir da década de 80, a psicomotricidade multiplicou-se em vários pontos do país e surgem muitos trabalhos, palestras e seminários sobre o assunto. Em 1982 a SBP promove o I Congresso Brasileiro de Psicomotricidade com a participação de Lapiere com a sua linha de trabalho relacional inovando os métodos e nesse mesmo ano é iniciado o primeiro curso de formação em psicomotricidade relacional no Rio de Janeiro. Começa então uma nova era na história da psicomotricidade, os profissionais de várias áreas buscam solução juntos com o mesmo objetivo. Ainda nessa mesma década, Françoise Desobeau, Estèban Levin, Alfredo Jerusalinsky, Bernard Aucouturier e Vitor da Fonseca visitaram o Brasil.

Em 1989, no Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação é aberto o primeiro curso de graduação, com duração de 4 anos. No geral aqui no Brasil, a evolução da psicomotricidade vem acompanhando a evolução da ciência.

O conceito de psicomotricidade, com base nas reflexões de Fonseca (2012), ganhou assim uma expressão significativa, uma vez que traduz a solidariedade profunda e original entre a atividade psíquica e a atividade motora. O movimento, segundo ele, é equacionado como parte integrante do comportamento e que hoje a psicomotricidade é concebida como a integração superior da motricidade, produto de uma relação inteligível entre a criança e o meio e diz ainda que tem instrumento privilegiado por meio do qual a consciência se forma e materializa-se.

No próximo capítulo, trataremos do desenvolvimento psicomotor que é caracterizado pela maturação que integra o movimento, o ritmo, a construção espacial, o reconhecimento dos objetos, das posições, a imagem do nosso corpo e a palavra.



### **3 – DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR DA CRIANÇA**

A psicomotricidade, como vimos no capítulo anterior, tem uma história jovem, em se tratando de estudos, pesquisas, sistematização de saberes, escolas. Tudo começou com a importância dada ao corpo ao longo de várias épocas. Ele foi contemplado pelo olhar sensível da arte, pelo rigor religioso, pelas investigações e estudos dos psiquiatras e psicólogos.

E atualmente com toda essa bagagem, esse corpo toma um novo rumo dentro da psicomotricidade tendo como aliados profissionais da saúde e da educação.

Penso que a psicomotricidade na área da educação é de uma relevância fundamental, principalmente na educação infantil, pois é a base para o desenvolvimento da criança, para a sua maturação. Neste capítulo estarei trazendo questões importantes sobre o processo de desenvolvimento da criança. E para iniciar essa discussão trago uma definição do que vem a ser esse desenvolvimento através do entendimento de Bueno (1998), conceituando desenvolvimento humano como o desenvolvimento integrado do crescimento, da maturação, das experiências pelas quais o indivíduo passa e a adaptação desse corpo no ambiente, respeitando as individualidades de cada um, sua herança única, bem como as condições ambientais nas quais esses indivíduo está inserido.

O citado autor, relata ainda, que o desenvolvimento humano inclui os aspectos físico ou motor, afetivo – social ou relacional e cognitivo. Ele considera que o desenvolvimento psicomotor caracteriza-se pela maturação que integra o movimento, o ritmo, a construção espacial, a imagem do nosso corpo e a palavra. Afirma que o desenvolvimento pode ser considerado não apenas por classificação cronológica mas por etapas ou estágios que apresentam características de um processo reacional e relacional, não fixos segundo a maturação do indivíduo. Bassedas, Huguet e Solé (1999) definem desenvolvimento assim:

Quando falamos em desenvolvimento, referimo-nos explicitamente à formação progressiva das funções propriamente humanas (linguagem,

raciocínio, memória, atenção, estima). Trata-se do processo mediante o qual se põe em andamento as potencialidades dos seres humanos. Consideramos que é um processo interminável no qual se produz uma série de saltos qualitativos que levam de um estado de menos capacidade (mais dependência de outras pessoas, menos possibilidades de respostas) para um de maior capacidade (mais autonomia, mais possibilidades de resolução de problemas de diferentes tipos, mais capacidade de criar (BASSEDAS, HUGUET e SOLE, 1999, p.21).

Esse desenvolvimento é bastante visível, para mim que venho trabalhando na educação infantil há mais ou menos 6 anos, e durante essa trajetória, tenho percebido a transição de um nível para outro no desenvolvimento dos meus alunos.

Essa pesquisa educou o meu olhar, o meu ouvir, tornando assim a minha prática mais sensível às necessidades das crianças. Esse desenvolvimento humano ao qual os autores trazidos se referem, só fluirá de forma leve, prazerosa e tranquila e sem atrasos, se houver intervenções. A mediação nesse processo de desenvolvimento é importantíssima, e ela deve partir, no meu entendimento, das atividades que serão realizadas para um determinado nível.

O currículo da Educação Infantil tem garantido esse direito para com o desenvolvimento da criança, melhorou bastante ao longo desses últimos anos.

O Referencial Curricular Municipal para a Educação Infantil de Salvador (2015) nos lembra que o corpo configura uma dimensão do sujeito e que por ele perpassam construções identitárias, afirmando que na infância a forma como a criança se relaciona com o seu corpo, com a relação deste nos diferentes espaços e diante de outras pessoas depende, além de suas possibilidades pessoais das experiências que vão construindo, suas formas de interagir e expressar-se corporalmente.

Partindo do Referencial Curricular para Educação Infantil do Município de Salvador, podemos perceber a necessidade de nos aprofundar cada vez mais nas questões relativas à psicomotricidade. Para que as crianças sejam respeitadas nos aspectos referentes ao corpo, é relevante que nós professores nos apropriemos de informações do seu desenvolvimento neuropsicomotor.

Essa apropriação de informações vai desde o conhecimento acerca do desenvolvimento da criança, perpassando pelas intervenções, até a tomada de consciência de que a criança precisa viver o seu corpo através do movimento, de sensações para que continue a sua jornada de desenvolvimento de forma saudável e prazerosa. Bueno (1998) diz que:

Para um bom desenvolvimento da coordenação dinâmica global, as atividades devem seguir uma progressão, partindo de propostas simples para outras sucessivas e combinadas, seguindo do amplo para o mais específico. {...} Com cerca de 3, 4 anos, a criança está com uma boa noção do espaço à sua volta e do seu corpo em relação a esse espaço e com isso as atividades recomendadas para a idade devem envolver a noção de amplitude de movimentos (BUENO, 1998, p.52).

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da educação Básica (2013), o período de vida atendido pela Educação Infantil caracteriza-se por marcantes aquisições: a marcha, a fala, o controle esfinteriano, a formação da imaginação e da capacidade de fazer de conta e de representar usando diferentes linguagens. Afirma que embora nessas aquisições a dimensão orgânica da criança se faça presente, suas capacidades para discriminar cores, memorizar poemas, representar uma paisagem através de um desenho, consolar uma criança que chora, não são constituições universais biologicamente determinadas e esperando o momento de amadurecer.

Essas aquisições são de acordo com o referido documento, histórica e culturalmente produzidas nas relações que estabelecem com o mundo material e social mediadas por parceiros mais experientes.

De fato, as crianças aprendem nas relações trocadas com o meio, seja com o colega da mesma idade, seja com professores e funcionários. A mediação, principalmente de nós professoras, é, na minha compreensão, o fio condutor do desenvolvimento da criança, porque é a partir das decisões tomadas por nós, que se desenrola, ou não, todo um processo de desenvolvimento. Percebo isso no meu cotidiano, o quanto as crianças aprendem através da minha mediação, e das possibilidades que lhes disponho, propondo atividades adequadas para o nível de desenvolvimento da minha turma.

Segundo Barbosa e Horn (2008) é necessário que se encontrem interrogações nos percursos que as crianças fazem. Argumentam que para

tanto, é fundamental “emergi-las” em experiências e vivências complexas que instiguem sua curiosidade. E que nessas situações, é importante ressignificar as diferentes formas de interpretar, representar e simbolizar tais vivências, por meio do desenho, da expressão corporal.

Ainda com base nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2013), a motricidade, a linguagem, o pensamento, a afetividade e a solidariedade são aspectos integrados e se desenvolvem a partir das interações que desde o nascimento a criança estabelece com diferentes parceiros.

Ela nos traz a informação de que cada criança apresenta um ritmo e uma forma própria de colocar-se nos relacionamentos e nas interações, de manifestar emoções e curiosidade e de elaborar um modo próprio de agir nas diversas situações que vivencia desde o nascimento, conforme experimenta sensações de desconforto ou de incerteza diante de aspectos novos que lhe gerem necessidades e desejos e lhe exigem novas respostas.

Para o professor sensibilizar-se e perceber que a criança passa um processo de desenvolvimento biológico e social, é pertinente que ele passe por uma formação e busque sempre informações para esse fim.

Estar sempre refletindo a nossa prática em sala de aula, é o segredo para a compreensão do desenvolvimento da criança. Enfrentei muitas dificuldades em sala de educação infantil por não ter o conhecimento teórico a respeito das etapas de desenvolvimento pelo qual a criança passa. E isso refletia na mediação, intervenção e nas atividades que eram propostas.

Através das observações e buscas teóricas conduzidas por essa pesquisa, percebi que a psicomotricidade é o carro chefe de todo desenvolvimento da criança. Por meio do meu olhar sensível, construída durante esse processo, pude perceber claramente a evolução motora de meus alunos, evolução que iam do encaixe de um lego ao salto de um banco de concreto, a uma cambalhota, enfim, conquistas relativas à coordenação motora fina e ampla.

Luria ([1969] apud FONSECA 2012), sugerem que estudando as relações entre cérebro e comportamento e as relações entre corpo e cérebro, talvez se possa compreender melhor o que faz do homem ser humano. Ela diz

que o estudo da atividade humana permite perceber suas capacidades únicas e peculiares.

Segundo Fonseca (2012), a organização funcional da atividade mental torna-se compreensível, quer do ponto de vista filogenético (evolução da espécie), quer ontogenético (desenvolvimento desde o embrião). Ele traz uma reflexão afirmando que o cérebro como órgão da atividade mental, é encarado como o órgão da civilização, órgão que é capaz de refletir todas as complexidades e intrincadas condições do mundo envolvente e todas as manifestações superiores da atividade humana, materializadas no movimento e na linguagem. Fonseca (2012) explica que:

A atividade cognitiva complexa, quer se trate da Psicomotricidade ou de aprendizagens simbólicas, envolve sempre sistemas de zonas de trabalho simultâneo, zonas essas inexistentes no momento do nascimento e que se encadeiam estruturalmente durante o desenvolvimento. Os sistemas de trabalho simultâneo, estão na base da ontogênese da cognição. Cada aquisição cognitiva da criança (postura bípede, manipulação praxica, compreensão auditiva, fala, leitura e escrita, etc) representa o resultado de um constelação de centros de trabalho dispersos geograficamente no cérebro, mas em permanente interação. (FONSECA, 2012, p. 43).

O referido autor, diz que é esta interação intracerebral que espalha outra interação entre a criança e o seu envolvimento e conseqüentemente, a sua aprendizagem gradual de competências cognitivas complexas que tem origem sócio-histórica.

Para reforçar a compreensão do desenvolvimento neuropsicomotor da criança, Rosa Neto (2002) evoca que a motricidade é a interação de diversas funções motoras (perceptivo-motora, neuromotora, psicomotora, neuropsicomotora). Nos informa que a atividade motora é de suma importância no desenvolvimento global da criança; através da exploração motriz, ela desenvolve a consciência de si mesma e do mundo exterior.

Segundo Luria (1980 apud FONSECA, 2012), a organização neurológica da motricidade e da linguagem muda com a aprendizagem, isto é, a variação estrutural das funções mentais superiores em diferentes períodos da ontogênese, mostra que a organização cortical muda com a idade, mostra que ela não se mantém imóvel. Fonseca (2012) traz uma breve síntese a respeito do desenvolvimento da criança nos meses iniciais aos 24 meses:

Assim o desenvolvimento motor humano, nos primeiros meses, envolve essencialmente a constelação de trabalho formado pelos centros mesencefálicos que produzem os reflexos não condicionados e integram-nos, progressivamente, em padrões diferenciados. Aos oito meses, a constelação talâmica, límbico cerebelosa encarrega-se de posturas antigravíticas e de condutas emocionais de socialização. Aos dozes meses, outra constelação entra em jogo, a constelação cortecocerebelosa, que produz a postura bípede, grande marco da antropogênese e a maturação cerebral (FONSECA, 2012, p.43 e 44).

Bueno (1998), explica que por meio da atividade reflexa a criança ganha informações sobre o meio ambiente externo, reagindo ao toque, à luz, ao som com movimentos primeiramente involuntários. Porém esses movimentos involuntários imprimirão nesse corpo sensações prazerosas e desprazerosas, as quais, segundo o autor, auxiliarão a aprendizagem futura de novos conceitos desse corpo e do mundo que o rodeia.

Acerca dos movimentos voluntários, o referido autor define como sendo as ações controladas e que objetivam realizar a satisfação dos desejos e objetivos ali impressos. São também conforme ele diz, reações a determinados estímulos, os quais podem ser escolhidos, repetidos, e o movimento aprendido. Geralmente não envolvem uma única ação, sendo a maior parte psicomotores.

Para Fonseca (1993), o sistema nervoso do recém-nascido encontra-se em permanente ordenação e reestruturação, criando novas conexões que permitem o enriquecimento do potencial motor, gerador de todas as trocas entre o organismo e o meio.

Segundo ele, toda a história da criança traduz uma corticalização progressiva, posta em desenvolvimento por uma complexa orquestração motora vivida, nos primeiros anos, são os centros subcorticais que se encontram mais equipados e funcionalmente mais ativos, centros esses que justificam reciprocamente as sucessivas aquisições do desenvolvimento postural e do desenvolvimento preensivo.

Bassedas, Huguet e Solé (1999) trazem uma informação acerca do desenvolvimento das crianças afirmando que no decorrer dos primeiros seis anos de vida há algumas mudanças muito grandes em relação a tudo que se refere à capacidade de movimento dos seres humanos. Com base nessa informação, elas dizem que a criança passa de uma situação de total

dependência das pessoas que a cuidam a uma autonomia completa, do movimento descoordenado e incontrolado ao controle e à coordenação quase total. As referidas autoras ressaltam que:

No decorrer dessa etapa da educação infantil, há um ajuste progressivo das habilidades motrizes básicas. Em geral há uma gradativa independência (dissociação) motora, quer dizer a capacidade de controlar em separado cada segmento motor (BASSEDAS, HUGUET, SOLÉ, 1999, p.31).

As mesmas afirmam que no decorrer desses anos e, posteriormente, durante toda vida, as experiências relacionadas com o corpo (representações cognitivas, experiência verbal, atividades motoras, sensações que o corpo recebe) permitem que se vá construindo progressivamente, o esquema corporal próprio.

Argumentam que é uma construção totalmente pessoal e que se elabora a partir das ações que a pessoa faz ou que recebe a partir do seu próprio corpo. Completam que a principal conquista da criança na etapa da educação infantil em relação ao seu esquema corporal é que, graças ao movimento e as ações que realiza, chega a um conhecimento do seu próprio corpo e de suas possibilidades.

Fonseca (1993) exclama que a criança não descobre o mundo por si própria; a mãe é a primeira etapa dessa conquista, e a criança atinge a relação objetal através do corpo dela como o primeiro objeto exterior. Segundo suas pesquisas, nos informa que a gênese da psicomotricidade é verificada por um desaparecimento sucessivo das sincinésias, (movimentos motores reflexos), por um enriquecimento da coordenação da motricidade, por um aumento progressivo de rapidez de execução e por uma mais precisa e clara aquisição simbólica que facilita toda dimensão de comunicação e de existência individual e social. Fonseca (1993) afirma ainda que:

Todas as implicações da gênese da psicomotricidade podem ser agrupadas numa síntese evolutiva, subdividida em quatro estados: o estado hipertônico do recém-nascido, o estado dos movimentos mal ajustados e dismétricos, até o fim do segundo ano de vida, o estado dos movimentos graciosos, até aproximadamente os quatro anos, e por fim, o estado da perfeição motora, até o final da infância. (FONSECA, 1993, p.43)

Sendo assim, com base nesse autor, a motricidade adquire de um aspecto anárquico inicial, valores sucessivos e novos meios de contato e relação, bem como novas estruturas de expressão, exploração e utilização. É pela motricidade e pela visão que, segundo ele, a criança descobre o mundo dos objetos, o mundo dos outros e o seu próprio mundo.

Sobre isso, Ajuriaguerra (1970 apud FONSECA, 1993) evoca que o objeto é a própria criança que o manipula; posteriormente o objeto – é – para – si, depois o objeto – está – para – além – de – si, para definitivamente se tornar um objeto – em – si. Em primeiro lugar, a criança age em conjunto com o objeto; em segundo, a criança age sobre o objeto e finalmente a criança pode agir sem o objeto. De objeto da ação, o objeto torna-se um objeto de experimentação.

Para Lapierre (1984 apud BUENO, 1998) é a partir das primeiras experiências psicomotoras que a criança vai construindo pouco a pouco o seu modo pessoal de ser, de sentir, de agir e reagir diante dos outros, dos objetos e do mundo que a rodeia, e a qualidade da relação que a criança estabelece com o meio é que condicionará a saúde mental da mesma. Mediante a relação com as pessoas e com os objetos, a criança se comunica e expressa suas dificuldades, sejam elas de ordem motora, emocional ou cognitiva.

Fonseca (1993) explica que a evolução tônica está ligada à historicidade das relações do indivíduo com o seu meio ambiente, segundo um equilíbrio que progressivamente se vai estabelecendo. Pela vivência de crise e conflitos emocionais, o tônus vai-se constituindo e moldando às diferentes situações, adquirindo-se, assim, reações mais ajustadas às situações do meio. A função tônica constitui uma função específica e organizada que prepara a musculatura para diferentes formas de atividade motora.

Para ele o tônus, por se encontrar ligado com as funções da equilibração e com as regulações mais complexas do ato motor, assegura a repartição harmoniosa das influências facilitadoras ou inibidoras do movimento. Sendo assim com base nessa reflexão Fonseca (1993) completa:

O tônus não é mais do que a expressão de uma dinamogenia que, inicialmente imatura e difusa, vai se organizando em formações mais adaptáveis e plásticas. [...] o tônus integra o bombardeamento incessante dos estímulos



exteriores que estão na base da aquisição da postura e da consequente disponibilidade prático – construtiva (FONSECA, 1993, p.53).

A exploração do mundo e a descoberta do corpo para esse autor, realizam-se pelas atividades de orientação e preparação, e posteriormente pela direção e experiência corporal.

Bassedas, Huguet e Solé (1999) declaram que dentre as habilidades de locomoção e de deslocamento, destacam-se as habilidades básicas como correr, caminhar, saltar, rodar, puxar, baixar, levantar. Em todas elas, há uma evolução no decorrer da educação infantil que se iniciava com a falta de coordenação motora, com as dificuldades para manter o equilíbrio, com a rigidez de algumas partes do corpo, até chegar a um certo automatismo adquirido aproximadamente aos 2 ou 3 anos, a partir daí, defendem elas, há um progresso mais harmonioso até os 4 ou 5 anos.

Bueno (1998) ilustra que o desenvolvimento psicomotor acontece num processo conjunto de todos os aspectos (motor, intelectual, emocional e expressivo), dividindo-se em duas fases segundo ele: primeira infância (0 a 3 anos) e segunda infância (3 a 7 anos), completando-se naturalmente por volta dos 8 anos de idade.

Até os oito anos de idade a criança passa por várias transformações, visivelmente percebidas no dia-a-dia em sala de aula, principalmente nas questões motoras, perpassando os aspectos da linguagem e do grafismo.

Ao observar meus alunos de 3 anos no início dessa pesquisa, percebia a sua fragilidade na coordenação motora fina e ampla e ao longo do ano pude detectar a evolução no desenvolvimento do tônus, realizando atividades motoras firmes. Sobre esse aspecto, Bueno (1998) destaca:

A criança atua no mundo por meio de seus movimentos. Dispõe para tal de suas capacidades motoras, intelectuais e afetivas, estabelecendo a relação com o mundo conforme sua carga tônica pessoal, a qual é construída no dia-a-dia com as estimulações e limitações que o meio e as pessoas impõem (BUENO, 1998, p.33).

Para contemplar essas possibilidades de exploração do corpo, elaborei um plano de ação que levasse em consideração aspectos psicomotores

como por exemplo coloquei um espelho grande na sala perto de uma caixa de roupas e acessórios; um cantinho do lego; cantinho da leitura; cantinho do desenho com vários marcadores e suportes diferenciados; cantinho de jogos e quebra cabeça; cantinho da massa de modelar.

As questões relativas à coordenação motora fina, me remeteu às aulas do Professor José Rego (Pinduka), que nos chamava a atenção a todo momento a respeito das oportunidades que devemos dar às crianças de desenvolverem a sua coordenação motora fina através de várias situações intencionais, tais como: exploração de vários objetos, pintura utilizando vários marcadores e suportes.

Na área externa, as crianças desfrutavam do parque composto por uma casinha, um cavalinho e três bancos de concreto que elas utilizavam para pular, e uma extensa área onde corriam, pulavam, enfim, onde viviam o seu corpo através do movimento, de expressões.

As aulas de Natureza e Cultura: conhecimentos e saberes, conduzidas pela Professora Cinthia Seibert, me trouxeram muitas contribuições no que concerne à exploração constante dos parquinhos, o quanto as crianças se realizam, e ele é o espaço privilegiado do corpo.

Fonseca (1993) lembra que o movimento como meio de expressão fornece o aspecto cinético da imagem de si, projetando no mundo dos homens uma nova dimensão de vida.

Bueno (1998) nos situa que a estimulação do desenvolvimento psicomotor é fundamental para que haja consciência dos movimentos corporais integrados com sua emoção e expressados por esses movimentos. A fase importante para trabalhar com todos os aspectos do desenvolvimento (motor, intelectual, sócio – emocional) é na faixa etária que compreende o nascimento até completar 8 anos aproximadamente. Ele afirma que é nesse período que se instalam as principais dificuldades em todas as áreas e que se não forem exploradas e trabalhadas a tempo, certamente trarão prejuízos como dificuldades na escrita, na leitura, na fala, na socialização.

Foi pensando também nessas dificuldades que as crianças poderão ter futuramente, que me fez pensar que uma pesquisa na área da psicomotricidade, poderá trazer grandes contribuições na minha prática e na prática de outras pessoas, pois essa área engloba questões que vão na base da formação do ser humano.

O desenvolvimento da criança dependerá da mediação feita em sala de aula, do olhar sensível de nós professoras para com as peculiaridades de cada um, de uma busca reflexiva acerca da sua prática e das constantes inferências sobre as dificuldades das crianças. Sobre isso, tratarei no próximo capítulo.

#### 4 – O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Com base nas experiências vividas e observadas na minha turma de crianças de 3 e 4 anos, pude, através do meu olhar sensível, perceber que o processo de desenvolvimento da criança acontece por etapa e de uma forma muito rápida e isso possível através das formações e da sabedoria adquirida através das experiências.

Pesquisar a experiência e não falar minha trajetória profissional, é um tanto paradoxal, no meu entendimento, as experiências que nos trazem sabedoria devem ser narradas.

Minhas primeiras experiências com a educação infantil começou lá atrás, em 1997, quando ainda fazia o meu curso de Pedagogia, numa escola particular localizada no Vale das Pedrinhas, Salvador, Bahia. Apesar de ser uma escola pequena, em um bairro carente, fazia na época, um trabalho riquíssimo baseado na teoria sócio-construtivista. Lá pude perceber o quanto as crianças aprendiam de forma significativa através de brincadeiras, jogos e músicas. Nos encontros para planejamentos das aulas, que geralmente aconteciam quinzenalmente aos sábados, nos era reservado um horário para estudo, mediado pela competente coordenadora. Lecionava numa turma de grupo 5 com 18 crianças, onde os alunos já eram preparados para a alfabetização. Essa experiência foi muito cara para mim, um dos pontos principais focados nos encontros de estudo era o desenvolvimento da criança e a mediação.

Segundo Macedo (2015) pesquisar com a experiência significa encontrar mundos subjetivados, incertos, ligados ao acontecer, ao singular. Portanto, para ele, acompanhar a experiência é mostrar as relações que estabelece com os acontecimentos.

As experiências obtidas ao longo da minha trajetória profissional, tem sido importante para minha prática em sala de aula, porém não garante a minha formação, pois, conforme argumenta Macedo (2015), o saber deve ser percebido em ação e com essa perspectiva o pesquisador com a experiência desconfia do saber acumulado e presta muita atenção a um saber em atualização. O autor continua sua argumentação nos informando que:

Por esses argumentos podemos falar muito menos de um mapeamento da experiência e muito mais de uma cartografia desse fenômeno humano de alta complexidade, porque só se ilumina se partimos da ideia de que estamos lidando com identificações, consensos precários e também com imprevistos, incompletudes, intempestividades, complementarismos, ambivalências, contradições, paradoxos, derivas (MACEDO, 2015, p.52).

Segundo Macedo (2015) dessa perspectiva, temos que nos satisfazer com a compreensão de zonas de revelação. Mas que é, segundo ele, possível também encontrarmos áreas de densidade experienciais de onde emerge a sabedoria.

Partindo dessa reflexão de Macedo, observo que na minha trajetória profissional obtive experiências que me trouxeram sabedoria que até então refletem na minha prática. Mas que ainda assim, necessitam de uma atualização de acordo com o autor citado.

Em 2002, iniciei o curso de Especialização em Metodologia Do Ensino, Pesquisa e Extensão Em Educação na UNEB. Esse curso trouxe muitas contribuições para minha vida profissional, principalmente no que se refere à pesquisa. Mostrou-me a importância e necessidade do professor estar sempre buscando formas de aprimorar sua práxis.

Trazendo novamente a ideia de Macedo (2015) de que o pesquisador da/com a experiência desconfia do saber acumulado presta muita atenção a um saber em atualização, me remeto a minha sala de aula com os meus alunos de três e quatro anos em que observava que nem sempre ter uma vasta experiência “conta ponto” para a gente, pois a cada turma que eu recebia todos os anos, o campo de experiência se mostrava completamente diferentes, aquela formação feita há algum tempo, já não era o bastante para aquela determinada turma, pois os tempos e os sujeitos são outros, mas segundo o autor, no meio a essa experiência é possível emergir a sabedoria.

Estamos lidando com imprevistos, incompletudes, ambivalências como diz Macedo (2015). Comigo não seria diferente, as minhas formações muito contribuíram para o meu papel de professora da educação infantil, porém em algumas ocasiões me sentia angustiada, perdida, sentindo-me incompleta, por falta de uma atualização na minha formação profissional.

Antes de focar no papel do professor de educação infantil, gostaria de trazer para o meu texto um pouco sobre o papel do professor como um todo, não só da educação infantil.

Selecionando os livros para a escrita desse capítulo, eis que me deparo com um grande livro da época do meu curso de Pedagogia de 96 à 99: *Pedagogia da Autonomia – saberes necessá*

*rios à prática educativa* de Paulo Freire (1996). Suas belas e sensíveis palavras me fizeram refletir sobre essa divisão: professor de educação infantil, professor de ensino fundamental, professor de áreas.

Por que me fez refletir? Porque antes eu acreditava que qualquer pessoa poderia ser professor de educação infantil. Penso que além de uma boa formação, o professor deve ter um olhar sensível, respeitador, tolerante e apaixonante para lidar com essa fase que brota a cada etapa, novas conquistas. E entender que a educação infantil não pode ser comparada aos outros níveis. Lembro-me quando comecei a ensinar na educação infantil, no qual valorizava muito o brincar e era criticada, isso me incomodava, hoje tento equilibrar os conteúdos exigidos na educação.

Essa postura requer reflexão sobre a prática e a respeito disso, Freire (1996, p.43) traz uma reflexão que muito me contempla nessa trajetória de formação: “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Penso que se refletirmos a prática sobre nossas posturas em sala de aula, o nosso olhar certamente mudará, se tornará mais sensível a percepção das dificuldades de nossos alunos e conseqüentemente as mediações fluirão.

Para mediar as situações de sala de aula, nós professoras precisamos pensar certo, e pensar certo nesse contexto de sala de aula, é entender que a criança é um ser em desenvolvimento, que ela passa por etapas de maturação, e que para atingir o próximo nível, ela necessita de um mediador, nesse caso a que me refiro nós professoras. Sobre o pensar certo, trago uma reflexão:

Pensar certo – e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo – é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa que temos de assumir diante dos outros e com os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmo. (...) é difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temos que exercer sobre nós próprios para evitar os simplismos, as facilidades, as incoerências grosseiras. (FREIRE, 1996, p.54).

Para não cairmos nessas armadilhas de sala de aula, temos que procurar formações continuadas para que não nos tornemos simplistas. Com base na pesquisa de Macedo (2015), trago aqui a importância, no qual nos informa que a experiência não pode ser considerada um adorno em relação à formação, uma ponte que facilita o caminhar da aprendizagem, mas um verdadeiro referencial, segundo ele, que nos serve para avaliar uma situação, uma atividade, um conhecimento novo, um ser em transformação.

Em 2012 participei de uma formação de professores com duração de um ano mais ou menos: “Projeto Educação Cidadã nos Centros de Educação Infantil e Escolas que ofertam Educação Infantil”. Muito me acrescentou no sentido de me inteirar de fato do currículo da educação infantil. Percebi através dessa formação que educar exige um controle nos conteúdos referentes a esse nível. Me fez refletir a minha prática, o meu papel na educação infantil. Pude observar que a Matemática era valorizada, a Linguagem, Natureza e Sociedade, a Língua Escrita, enfim, os conteúdos que nos professores criticamos na educação infantil. A formação me possibilitou conhecer o outro lado da situação: que os conteúdos que fazem parte do currículo da educação infantil devem ser abordados de forma diferente, de forma lúdica e prazerosa e que isso depende da postura do professor. Transformar o currículo da educação infantil em algo prazeroso foi a minha aprendizagem nessa formação e creio que seja o nosso desafio como professor. Sobre a ludicidade na ação pedagógica Kishimoto (2011) nos alerta afirmando que:

A sabedoria que é respeitar, em educação, a psicogênese, deveria levar a introduzir cada nova atividade através de uma etapa lúdica. Brincar com palavras, com letras, com letras, com o computador: manuseá-los livremente, ludicamente, antes de dar a esse manuseio um caráter instrumental (KISHIMOTO, 2011, p.116).

Foi exatamente essa ludicidade que os formadores desse curso de 2012 defenderam o tempo todo, segundo eles, o problema não são os conteúdos e sim como eles são socializados na educação infantil.

O ensino é uma atividade conjunta, compartilhada, que assegura à criança ir conhecendo e construindo progressivamente o mundo que a envolve – com os seus objetos e pessoas, os seus sistemas de comunicação, as suas pautas e valores – além de ir conhecendo-se. (BASSEDAS, HUGUET e SOLE, 1999, p. 135).

As reflexões das autoras, me remetem ao meu cotidiano em na sala de aula em que pude, ir observando como os meus alunos aprendiam. Aprendiam através da minha mediação e por meio das trocas nas interações com os seus pares. E o interessante é que um ou outro aluno deixava de fazer sua atividade para explicar ao companheiro como fazer.

Foi o que aconteceu algumas vezes na roda de música. Estávamos nos preparando para cantar a música do “Sabiá”; dei uma explicação geral de como fazer o sabiá com as mãos no ar. Quando começava a cantar, percebia que sempre tinha aquele que fazia de uma forma diferente, então observava que o colega do lado parava para ajudar aquele que estava com dificuldade.

Bassedas, Huguet e Solé (1999) declaram que no curso dessas interações e das experiências que são oferecidas, a criança vai progredindo no conhecimento do que a envolve e nos instrumentos de indagação da realidade.

Todas essas questões de interação, de envolvimento, compartilhamento, ensino, aprendizagem nos coloca diante do currículo da educação infantil. Ao longo do meu trabalho com crianças de três à cinco anos, sempre me questioneei com relação ao que realmente é importante ser socializado na educação infantil. Atividades que contemplem a motricidade ou a escolarização?

Arroyo (2000) nos faz refletir sobre essas questões referentes ao currículo, quando diz que na medida em que fomos incorporando outras tarefas como preparar para a cidadania, para a participação crítica, e agora para dar



conta, argumenta ele, do pleno desenvolvimento dos educandos, aquelas certezas que orientaram nosso papel profissional ficaram confusos.

Ao refletir sobre minha prática em sala de aula frente aos conteúdos da educação infantil, me deparei com a escassez de atividades envolvendo a psicomotricidade no meu cotidiano com as crianças de três e quatro anos. Então veio a oportunidade de participar em 2014 do Curso de Formação Em Docência na Educação Infantil que através da observação da minha própria prática pude investigar a importância da psicomotricidade no desenvolvimento da criança. Esse saber atualizado refletiu de forma positiva na minha prática. Ao longo dessa formação muitos professores com os seus saberes, colaboraram para o meu tema em estudo. O Professor José Rego (PINDUKA) contribuiu com informações muito caras a respeito das possibilidades que nós professoras devemos dar às crianças na área psicomotora, que, segundo as reflexões dele, parte das experiências da criança com o corpo e a partir daí, o papel do professor é, para ele, ir adequando os materiais às necessidades das crianças.

Macedo (2015), nos diz que a experiência institui uma memória incorporada, ou seja, o corpo cria e ao mesmo tempo é habitado pela experiência. Portanto com base em suas palavras, o corpo é o lugar onde se inscreve cada história singular, onde pensamentos e sentimentos se manifestam em palavras, em imagens.

E assim com esses saberes atualizados, fui dando cor à minha prática psicomotora dando importância ao corpo através da manipulação dos objetos, exploração da área externa, observando as necessidades de meus alunos.

Para que essa vivência acontecesse de forma leve e saudável, tive que educar o meu olhar, meus ouvidos, enfim, os meus sentidos, meu corpo como um todo. E quando abrimos essa porta dentro de nós, deixamos fluir a afetividade, a emoção.

Além da afetividade, um bom planejamento foi necessário ao longo dessa experiência com a educação infantil, planejar dá mais certo do que irmos à deriva. Muitas vezes, acontecia de não planejar, e então me sentia meio perdida. E quando entrava na sala munida de um bom planejamento, me sentia

preparada para as surpresas e para saber como mediar as situações de conflitos. Sobre o planejamento na educação infantil, as autoras Bassedas, Huguet e Solé trazem uma reflexão:

Em nosso ponto de vista, planejar na educação infantil tem a mesma utilidade que planejar em qualquer outra etapa educativa: planejar permite tornar “consciente a intencionalidade que preside a intervenção; permite prever as condições mais adequadas para alcançar os objetivos propostos; e permite dispor de critérios para regular todo o processo” (BASSEDAS, HUGUET e SOLE, 1999, p.113).

Elas argumentam que a finalidade da educação é favorecer o desenvolvimento do aluno em todas as suas capacidades e para isso é preciso que se realize um trabalho em torno dos conteúdos que fazem parte do currículo, e que é inegável que a análise e a tomada de decisão sobre o planejamento, constituem, segundo as autoras, um elemento indispensável para assegurar a coerência entre o que se pretende e o que sucede na sala de aula. As mesmas afirmam ainda que somente se tivermos claro o que queremos conseguir e o que queremos que consigam as meninas e os meninos, podemos oferecer a cada um deles uma proposta educativa adequada.(BASSEDAS, HUGUET e SOLE, 1999, p.113).

Ainda sobre o planejamento, as referidas autoras, fazem uma observação:

Está claro então, que planejar é necessário nessa atividade intencional e em qualquer outra. Também é preciso que fique claro que o planejamento de que estamos falando, supõe, essencialmente, reflexão sobre o que se pretende, sobre como se faz e como se avalia, uma reflexão que permite fundamentar as decisões que são tomadas e que sejam observadas pela coerência e pela continuidade. (BASSEDAS, HUGUET e SOLE, 1999, p. 113).

Em relação ao papel do professor no processo de construção de novos significados, as autoras Bassedas, Huguet e Solé (1999) evocam que é necessário diferenciar o que a criança no geral são capazes de fazer sozinhas e as coisas que são capazes de fazer com a ajuda de outra pessoa mais capaz.

Elas se baseiam em Vygotsky para a defesa de que é nessa zona de desenvolvimento proximal que precisa situar-se a ação educativa (entre o

nível de desenvolvimento afetivo: o que o aluno sabe fazer por si só – o que já domina e o nível de desenvolvimento potencial, onde situamos aquelas coisas que somente sabe fazer se for ajudado, porém é necessário que sejam transformadas em aspectos que dominamos).

Nesse sentido, elas dizem que o educador meio que “arrasta” o aluno até as situações que lhe permitam avançar em seu desenvolvimento pessoal através da aprendizagem.

Segundo Bassedas, Huguet e Solé (1999) para poder atuar na zona de desenvolvimento potencial é importante considerar os conhecimentos prévios dos alunos; desenvolver uma tarefa de observação do processo de aprendizagem dos alunos; conhecer bem os componentes que podem dificultar a aprendizagem das crianças; dar a ajuda educativa que faz falta a cada aluno, considerando o seu nível e, portanto, a diversidade do grupo de aula; em resumo, ter uma atitude de pesquisa, de análise e de reflexão na tarefa educativa.

Para exemplificar a explanação das autoras, trago a minha experiência de sala de aula quando solicitava que meus alunos de três e quatro anos fizessem um desenho de uma figura humana e eles diziam que não sabiam fazer ou apenas faziam círculos, riscos em várias posições. Diante dessa situação, eu vinha com a minha intervenção orientando-os como fazer e mostrando-lhe as partes do corpo, a partir da cabeça, depois o tronco, o dois braços, as duas pernas.

As autoras dizem que quando damos indicações a essa criança para fazer as partes do corpo ou para ampliar um esquema da figura humana feita por nós, ela será mais capaz de fazer um desenho em que as diferentes partes possam ser melhor identificadas.

Essas autoras nos chamam atenção declarando que é preciso avançar na ideia de que a intervenção educativa é uma ajuda que se proporciona à construção da criança. Uma ajuda porque de acordo com elas, é a própria criança quem constrói, porém é uma ajuda insubstituível, uma vez que sem sua presença, essa construção dificilmente encontraria um caminho adequado através do qual pudesse desenvolver-se.

Elas falam que para essa ajuda ser verdadeira, é preciso que se ajuste ao processo que a criança realiza, que lhe permita assegurar as suas aquisições e ir sempre um pouco mais adiante. Ou seja, isso quer dizer que, em cada caso, as nossas intervenções podem tomar uma aparência diferente.

Um exemplo desse processo de mediação era quando, no início do ano letivo, os meus alunos não sabiam utilizar os brinquedos de encaixe, ou para aqueles que só sabiam encaixar, mas não criavam a partir daí objetos, torres, carros. Então sentava com eles e lhes mostrava as diversas possibilidades que aquele brinquedo proporcionava a eles.

No próximo capítulo, estarei dialogando com essas minhas angústias, dividindo com o leitor essa experiência tão enriquecedora para mim e para as crianças que irá de uma ponta à outra: da minha prática baseada no que eu acreditava ser certo e a minha prática a partir das buscas teóricas e observação.

## **5 – METODOLOGIA**

Inspirado na etnopesquisa, o presente trabalho busca investigar a importância da mediação do professor no desenvolvimento motor da criança.

A etnopesquisa segundo Macedo (2004), engendra-se o estudo ao vivo de como se dinamizam as construções cotidianas das instituições humanas.

Macedo (2015), diz que a função de uma pesquisa com a experiência é compreender compreensões, é muito mais do que um trabalho cognitivo e intelectual da explicitação.

Então em uma pesquisa de inspiração etnográfica, o pesquisador está diretamente inserido no contexto pesquisado, convivendo com o objeto de estudo e com os sujeitos envolvidos.

Para fazer cumprir os objetivos traçados, foi realizada inicialmente uma pesquisa bibliográfica, pautada nos livros científicos, artigos eletrônicos, trabalhos científicos para me dar suporte a fim de obter informações sobre o tema em questão.

Na coleta de dados foi utilizado a observação da minha própria prática, a análise e reflexão no meu campo de trabalho.

Para tanto utilizei-me do diário de bordo para os registros da minha prática, as atividades realizadas, as respostas das crianças diante dessas atividades; memorial como banco de dados.

### **5.1- CAMPOS E SUJEITOS PESQUISADOS**

A pesquisa foi realizada numa escola municipal no Bairro da Cidade Nova em Salvador, Bahia com as minhas duas turmas da educação infantil, com crianças de 3 e 4 anos, num total de 24 crianças. É uma sala bem pequena com pouquíssimo espaço, com um banheiro adaptado para as crianças; parte do

mobiliário é adaptado; a sala possui brinquedos enviados pela Secretaria de Educação e de doações de colegas. A escola é considerada de difícil acesso, por estar localizada longe do ponto de ônibus e por ser cercada de ladeiras dificultando assim o acesso. É uma escola de pequeno porte com seis salas de aula funcionando nos dois turnos – seis turmas no matutino; seis turmas no vespertino. Tem uma cozinha pequena, com um refeitório relativamente grande, com mesas amplas e bancos; uma pequena despensa onde é armazenada a merenda escolar; uma secretaria e uma sala de direção também pequenas. Possui uma extensa área externa com algumas plantas. Atende crianças do grupo 3 ao 5º ano do Ensino Fundamental.

As observações aconteceram no período de agosto a novembro de 2015 nos meus dois turnos de trabalho.

## 6 – APRESENTAÇÃO DOS DADOS – DIÁRIO DE BORDO

Esse estudo teve como foco investigar a importância da mediação do professor no desenvolvimento motor da criança e verificar o uso da técnica psicomotora nas atividades realizadas com alunos de três e quatro anos através da minha própria prática cotidiana da minha sala de aula.

A seguir estarei apresentando as análises feitas a partir das observações registradas no diário de bordo.

A escolha do tema psicomotricidade surgiu de uma angústia minha com relação a realização de atividades envolvendo essa área que muitas vezes não acontece por conta da falta de conhecimento. E nas poucas vezes em que acontecia, uma outra aflição surgia: como mediar essas atividades? Como chegar até a criança sem tirar sua autonomia, nem constrange-la no sentido de sentir-se incapaz. E uma outra preocupação surgia, crianças tão pequenas sentadas durante longos períodos.

Sobre isso Freire (2010 apud PICCOLO e MOREIRA 2012, p. 64) comenta: “Quem fica confinado em salas apertadas, sentado e imóvel em carteiras, milhares de horas durante boa parte da vida, aprende a ficar sentado nas cadeiras, de onde nunca mais venha a se erguer”.

Esses são os meus questionamentos que me impulsionaram para escolha do tema. Tomando como base as minhas buscas, a infância é a idade do movimento e nós professores precisamos nos sensibilizar com relação às necessidades psicomotoras das crianças, porque as consequências dessa insensibilidade deixarão marcas, talvez, para sempre, visto que, a infância não volta mais.

As turmas no qual atuo nos dois turnos, no matutino 11 alunos de 4 anos e no vespertino 13 alunos de 3 anos, realizavam sempre atividades impressas na maioria das vezes, deixando em segundo plano, as ações envolvendo movimento e por conta disso ficando longos períodos sentados.

A observação iniciou-se com muita sutileza, respeitando o tempo da criança. Aos poucos fui aplicando atividades que no meu entendimento da época, eram importantes para as crianças de três e quatro anos.

*Em minha prática e rotina quando realizava atividades de movimento com as crianças, tentava deixá-las à vontade para que se sentissem livres e capazes com o seu corpo. Porém na maior parte das vezes ficava receosa que meus alunos se machucassem e passei então a adquirir uma postura controladora optando por exemplo por atividades mais direcionadas: jogar a bola, um de cada vez, para o colega agarrar; poucas vezes deixando-os livres com a bola para que chutassem e corressem atrás da mesma, pois ficava muito tensa, preocupada em acontecer algum acidente, principalmente com as crianças de três anos.*

Piccolo e Moreira (2012) dizem que quando a educação infantil não leva em consideração a motricidade da criança, podemos ter uma educação que impeça a liberdade das ações corporais, proporcionando uma educação voltada para crianças ideais.

Quando nós professores deixamos de propor atividades de motricidade ou quando as mesmas são muito controladas, corremos o risco de estarmos atrasando o desenvolvimento saudável das nossas crianças. Porque segundo Piccolo e Moreira (2012), a criança real ri, corre, conversa, faz barulho, perturba, é bondosa e maldosa, é amorosa e perversa, enfim, é criança, e como tal exercita a sua motricidade o tempo todo na descoberta do mundo. Segundo eles esse é protótipo de aluno na educação infantil.

Então levando em consideração o que esses autores expuseram, a criança deve sim sentir-se livre corporalmente e o que, no meu entendimento, isso significa? Significa que eu professora, devo perder o medo, a insegurança de “soltar” meus alunos na área externa e deixá-los muitas vezes em atividades livres, seus corpos devem experimentar o correr, o pular de forma livre, nem que para isso, a criança tenha que cair, tropeçar, se machucar, faz parte do real, segundo os meus estudos.

*Durante essa observação nesse período, percebi a importância dessa ação para o desenvolvimento da criança e a mediação desse processo é feita através de oportunidades dadas aos alunos por meio de atividades livres. E*



*assim fiz com os meus alunos, mesmo com medo de se machucarem, deixei-os mais livremente na área externa.*

*A mediação, penso que, se configura, também, por meio da postura segura e tranquila da professora, pois dessa forma ela transmitirá essa segurança para as crianças no momento em que cair, se machucar, assim nossos alunos não se recusarão a correr novamente por medo.*

O futuro professor sistematiza um corpo de conhecimento que é completado com a aprendizagem de seu cotidiano, o que, de certo modo, incidirá nas suas intervenções a serem praticadas na realidade escolar, com isso, assume um papel de mediador do conhecimento do conhecimento, responsável pelas transformações de seus alunos (PICCOLO, 2012).

Então diante do exposto, o cair, ferir-se faz parte do processo de desenvolvimento da criança, e quanto mais possibilidades de experiências o professor puder estar dando a seus alunos, menos acidentes acontecerão com eles, pois quando caem muito, de acordo com o que observei com o meu grupo, é porque ainda não têm controle sobre o seu corpo. Piccolo (2012) diz que ensinar movimento na educação infantil é ampliar as possibilidades de as crianças explorarem seus potenciais de habilidades, lembrando que nem sempre todos os alunos aprendem da mesma forma.

*Um outro tipo de atividade que pus em prática durante a observação, é a do movimento através da música. Cantava com as crianças e elas naturalmente iam fazendo os movimentos sugeridos pela canção. Não interferia nos movimentos. Antes de experimentar essa possibilidade, as crianças ficavam sentadas para cantar, quando levantavam eu solicitava para que sentassem, com receio de se machucarem.*

Zagonel (2012) ilustra essa minha prática da seguinte forma:

O gesto corporal pode ser um elemento para a emissão do som. A partir dele é que se chega a fazer música, sempre considerando a capacidade criativa e a espontaneidade da pessoa, iniciando a invenção sonora e gráfica por meio da expressão de seus gestos. (ZAGONEL, 2012, p.17).

Piccolo (2012) nos chama atenção afirmando que um professor criativo é aquele que busca variar seus encontros com as crianças, proporcionando sempre situações diferenciadas para elas vivenciarem. Variando o ambiente, materiais, as músicas, os ritmos, as roupas, as indumentárias e as combinações tanto de movimentos como de aparelhos.

*Mas as crianças insistiam em colocar movimento nas músicas, então fui deixando, fui me envolvendo juntamente com as crianças. Passei a sentir uma enorme satisfação, porque me sentia segura e feliz, esse sentimento era sentido e vivido pelas crianças principalmente. Por elas gostarem de me ouvirem cantar, elas se alegravam e começavam a dançar felizes. No começo tinha empurra-empurra, quedas e então vinha minha outra intervenção, mediar nesse processo alguns comportamentos excessivos, falando a respeito do cuidado com o próprio corpo e com o do colega e que o corpo de fato se machuca, que cair faz parte, mas que se pudermos evitar esses danos, melhor será para todos.*

*Depois de um bom tempo fazendo isso, percebi que os meus alunos já conseguiam dançar, pular na roda de dança sem se machucar, respeitando o colega do lado, da frente, de trás. Os mais tímidos que ficavam muito quietos, sentados, enquanto muitos agitavam na roda de dança, eu os convidava sem desistência, a participarem desse movimento com música.*

*Em todas as minhas práticas com as crianças, fossem elas corretas ou não, eram intensamente regadas com afetividade, e essa ação perfumava as minhas mediações. E isso reflete nos limites das crianças. Eu percebi na trajetória da observação desse estudo. Quando eu chegava agitada, com mau humor, os meus alunos tendiam a se comportar da mesma forma. E quando eu chegava com uma postura feliz, alegre, relaxada, tolerante, os alunos acolhiam essa postura com carinho, com um sorriso. Essa relação afetividade – limites, constrói responsabilidade.*

Bueno (1998) explanando sobre limites diz:

Um verdadeiro relacionamento deve ser construído no respeito mútuo e se a criança infringe limites deve ser pontuada. O papel principal da psicomotricidade é dar condições para que esse adulto futuro, seja, exista, exerça livremente seu poder de agir sobre o meio conservando a autonomia própria e respeitando a do outro (BUENO, 1998, p. 53).

Por mais que uma professora se esforce para socializar os conteúdos associados a educação infantil, se não for pelo viés da afetividade, tudo se tornará difícil para as duas partes envolvidas desse processo. E o professor é o mediador dessa convivência. Munida da afetividade, a criança utiliza seu corpo sobre o meio com mais autonomia e confiança. Foi o que eu observei com os meus alunos, eles a cada dia mostravam-se desenvolvidos em vários aspectos, no motor, no cognitivo, no afetivo, na linguagem, enfim, o desenvolvimento neuropsicomotor era perceptivo nas crianças de três e quatro anos.

Segundo o Referencial Curricular Municipal para a Educação Infantil de Salvador (2015), o corpo configura uma dimensão do sujeito e por ele perpassam construções identitárias. E que na infância, a forma como a criança se relaciona com o seu corpo, com a relação deste nos diferentes espaços e diante de outras pessoas, depende, além de suas possibilidades pessoais, das experiências que vão constituindo suas formas de interagir e expressar-se corporalmente. O documento diz ainda que estas manifestações corporais estão intrinsecamente relacionadas com o seus sentimentos, percepções sobre si e sobre o mundo e sobre suas necessidades de expressão.

*A respeito do tema psicomotricidade muitas dúvidas sempre surgiam durante a minha prática em sala de educação infantil. E as dúvidas geram dificuldades. E uma dessas dificuldades que sempre me cercaram é estabelecer atividades referentes a coordenação motora fina porque ficava com receio da atividade estar ultrapassada, de não ser adequada para crianças de três, quatro anos. Mesmo na dúvida eu realizava as atividades.*

*Apliquei uma atividade, que até então acreditava ser psicomotricidade, impressa com imagens de formas geométricas pontilhadas para o grupo 4 cobrir. Antes dessa dinâmica, na roda, socializei as formas geométricas utilizando os blocos lógicos através de uma sequência: vedava o olho do aluno e então retirava uma peça da sequência e o aluno dizia qual a forma retirada.*

Segundo Bassedas, Huguet e Sole (1999) a atuação da criança sobre os objetos e, mais concretamente, o estabelecimento de relações que possibilitam sua atuação e interação com outras pessoas apresentam-se na base do conhecimento matemático.

*Os meus alunos nesta atividades manusearam os blocos lógicos, brincaram com as formas, experimentando as possibilidades de cada objeto, como por exemplo, descobriram que o círculo rolava e as outras formas não.*

Sobre isso Bassedas, Huguet e Sole (1999) dizem que com suas explorações sobre os objetos, a criança chega a uma conclusão de que a bola rola, o caminhão corre, a almofada é macia; graças as possibilidades dadas pelas pessoas que as acompanha – pai, mãe, professores.

As autoras evocam ainda que as relações que permitem organizar, relacionar, agrupar, comparar não se apresentam nos objetos em si, mas em operações (comparações, análise, generalizações) que a criança estabelece com os objetos.

*Então depois dessa socialização com os blocos lógicos, eles faziam a atividade impressa como já expliquei. E a minha intervenção foi a seguinte: os alunos mais desenvolvidos ou mais experientes, na minha concepção, eu exigia mais da atividade, os outros eu incentivava com doces palavras e com outras atividades ao nível que estavam.*

*E assim eu ia experimentando atividades que eu acreditava na época da observação, que seriam importantes no desenvolvimento psicomotor da criança como por exemplo, fazer bolinhas de papel para colar no Saci-Pererê na semana do Folclore; preencher o corpo do bumba-meu-boi com pedacinhos de papel.*

*Durante a observação dessa atividade, percebi que as crianças não demonstravam prazer em fazê-las.*

*Hoje com toda bagagem adquirida no Curso de Especialização Em Docência Na Educação Infantil e nas pesquisas realizadas, afirmo com toda segurança e humilde sabedoria construída nesse processo, que não necessitava a aplicação da atividade impressa para as crianças cobrirem, nem as bolinhas, nem colagem de pedacinhos de papel. Existem várias formas de se trabalhar a coordenação motora. Formas essas utilizando o próprio corpo da criança e o a manipulação dos objetos tão desejados por eles.*

Quando Fonseca (1993) diz que é pela motricidade e pela visão que a criança descobre o mundo dos objetos, o mundo dos outros e seu próprio mundo,

está se referindo à coordenação fina e global, a experimentação do mundo através do corpo e dos objetos.

Para Bueno (1998) as atividades devem ser iniciadas por exercícios com o corpo inteiro e atingir três particularidades da coordenação: a destreza, a velocidade e a precisão. E essas três habilidades desenvolvidas traduzir-se-ão segundo ele, em uma escrita com bom desempenho na qualidade, legibilidade, capricho e ritmo.

*Passei então a ter um olhar mais sensível para com os meus alunos. Ao invés de atividades impressas desse tipo, as crianças passaram a manipular com mais frequência os objetos como os brinquedos de encaixe; atividades envolvendo a bola, agarrar e lançar a bola; desenho livre com lápis de cera ou outros marcadores grossos.*

O desenvolvimento do tônus é de acordo com Bueno (1998) uma condição básica para a aquisição de movimentos manuais coordenados, ou seja, para uma boa coordenação viso manual.

Segundo as reflexões de Piccolo (2012), nós professores precisamos renovar nossas propostas de ensino, buscando dar significado a todas as atividades que a criança realiza oferecendo diversas oportunidades de estimulação em múltiplas dimensões.

*Nesse período pude observar que as crianças necessitavam de outras possibilidades para o seu desenvolvimento. E então comecei a investir na massa de modelar com intencionalidade, com esse material tão agradável, as crianças foram incentivadas a fazerem várias coisas: animais, castelos, casas, pessoas, plantas. Antes eu deixava os alunos muito à vontade com a massa de modelar, não os orientava quanto às possibilidades de uso do material. E assim observava que eles passavam mais tempo manuseando e fazendo descobertas.*

Fonseca (1993) ilustra essa minha narrativa afirmando que as possibilidades de execução transmitidas pela mão vão dar lugar a uma diferenciação de conduta indeterminável, e vão permitir, segundo ele, o aperfeiçoamento incessante de aprendizagens variadas.

Quando falo em mediação, na minha concepção, são os estímulos, as possibilidades que o professor propõe às crianças. Garantindo dessa forma o desenvolvimento neuropsicomotor da criança através das sinapses que esses estímulos provocam, ou seja as comunicações entre os neurônios.

Dessa forma temos que possibilitar às crianças da educação infantil, um ambiente rico em brinquedos variados, objetos, jogos. Fonseca (1993) traz uma afirmação que muito contempla essa minha fala, afirmando que o que permite o desenvolvimento psicológico é a existência de objetos que são utilizados através das possibilidades motoras do sujeito. Que privando as possibilidades motoras de se expressarem e empobrecendo o ambiente de objetos, os sistemas de troca entre o indivíduo e o meio deixam de existir.

Essa fala de Fonseca (1993) derruba qualquer angústia e dúvida. Eu não precisava submeter minhas crianças à atividades impressas de cobrir para que desenvolvessem a motricidade manual, bastava expô-las ao mundo dos objetos.

Fonseca(1993) defende ainda que a evolução da motricidade pode dar-se desde que existam possibilidades de ação como a manipulação de objetos.

Acredito que essa ação venha através da mediação sensível. Ela vem naturalmente durante a proposta da atividade lançada para a criança, mostrando outras possibilidades, interagindo com eles no processo através da afetividade. Fonseca (2012) inspirado nas ideias de Feuerstein, diz que, para que o desenvolvimento do cérebro opere, não basta a simples exposição a fontes de estímulos, é necessário a presença de um agente de mediação.

Tomando como base a trajetória dessa pesquisa, o conhecimento adquirido nesse processo, trago uma reflexão acerca do que seja essa mediação, acreditando que a mesma parte das possibilidades dadas às crianças (como já foi dito anteriormente, insisto, por se tratar de um ponto importante). E a partir daí são compartilhadas as orientações, a atenção, a afetividade.

*Durante as minhas intervenções diante das atividades, muitas vezes sentia-me angustiada porque não sabia se estava no caminho certo. No meu íntimo, sabia que podia ser melhor e precisava de muitas leituras. E as disciplinas do Curso de Formação Em Docência Na Educação Infantil, me deram todo o*

*suporte para a minha pesquisa através da sensibilidade do Professor Macedo, da generosidade de Claudia Pedral, da poesia de Beltrão, do conhecimento com base legal da Professora Marlene, das práticas do brincar com Leila, da importância do movimento com a Professora Jucineide, das chamadas à responsabilidade das Professoras Regina e Neuza e da importância da motricidade através do Professor José Rego (PINDUKA).*

*Eu aprendia também com os meus alunos. Eles me ensinavam a ser mais sensível, tolerante, eles iam me indicando caminhos através da aceitação, da recusa, do medo, da tristeza, alegria.*

*Depois de certo tempo, observava que as crianças também não eram as mesmas, já era perceptível a aquisição de algumas habilidades como, por exemplo, o conhecimento e controle sobre o corpo e o movimento, as crianças participavam de brincadeiras e jogos que envolviam correr, subir, descer, escorregar; utilizavam recursos de deslocamento, força, velocidade, resistência e flexibilidade; nas habilidades manuais através da manipulação de objetos e brinquedos diversos. Participavam também de atividades de arremesso de bola, de chute, de receber a bola, de quicar e rebater.*

*Tudo isso acontecia no escasso parque improvisado na área externa, mas que transformava meus alunos nas crianças mais felizes do mundo. Numa dessas idas ao parque, um aluno caiu e se machucou no joelho, toda preocupada me dirigi a ele, lavei o local ferido e pedi que ele não corresse mais naquele momento por conta do ferimento, mas ele imediatamente me lançou um olhar de reprovação e desapontamento, me dizendo que não tinha problema porque o ferimento ia ficar bom naquela hora. Perguntei então porque, e ele sem pestanejar disse que era porque quando corria se sentia alegre e isso ia fazer com que seu ferimento “ficasse bom”.*

Wallon ([?]) apud BUENO, 1998, p.27) afirma que a emoção se traduz e se imprime no tônus muscular, estabelecendo uma comunicação constante entre a tonicidade e a sensibilidade, diz que o movimento é a primeira estrutura de relação com o meio, com os objetos e com os outros, a primeira forma de expressão da emoção e do comportamento.

Então aos poucos pude observar o poder da psicomotricidade, ela mexe com todos os sentimentos do ser humano através do corpo. Quando o meu aluno disse que seu ferimento ia “ficar bom”, penso que ele atribuiu um várias emoções de prazer ao correr a ponto de cura-lo.

Defendendo a ideia de que a criança deve explorar todas as possibilidades do parque, trago a concepção de Ferreira (2011) no qual afirma que o espaço do parque revela os modos como as crianças tem vivido as suas infâncias e que é o preferido delas, onde segundo ela, podemos perceber disputas, transgressão, resistência, criação, conformação, espaço de cultura, de poder e principalmente espaço da brincadeira onde a criança experimenta com maior vivacidade, segundo a autora, a construção da sua autonomia.

*No meu cotidiano, não exercia essa prática de levar meus alunos todos os dias no parque e ficar longos períodos, porque ficava preocupada com as críticas da direção da escola e dos próprios colegas. Hoje, minha visão é outra, entendo que preciso me fortalecer através das formações e das pesquisas, para ter argumentos nesses momentos de questionamentos por parte daqueles que ainda não compreendem que a educação infantil é o lugar do movimento.*

Ferreira (2002) ainda completa afirmando que:

O espaço do parque é visto como um lugar para as brincadeiras livres e também uma oportunidade para as crianças se movimentarem amplamente, fazer escolhas, determinar os seus próprios tempos, no qual a professora interfere pouco, deixando apenas os seus olhos sobre elas (FERREIRO, 2011).

*Percebi a necessidade de levar meus alunos no parque mais vezes, e assim fiz. Eles corriam livremente demonstrando prazer, fortaleciam seus laços de amizade, se ajudavam mutuamente através das interações com meio e com o outro. Observava que quando um companheiro demonstrava receio em enfrentar um desafio, uma ou outra criança se aproximava e o incentivava a prosseguir, na maioria das vezes eu não interferia, só observava com olhos cuidadosos, para que se sentissem confiante, quando sentia necessidade, me aproximava e tentava mediar a situação através de um incentivo com palavras, com um sorriso.*



Fazendo uma reflexão sobre minha prática, percebi o quanto eu priorizava as atividades feitas em sala de aula, as ditas intelectuais, sendo assim, o espaço interno, é o espaço privilegiado da mente, segundo Ferreira (2002), enquanto o externo é o espaço privilegiado do corpo.

O desenvolvimento da motricidade dos meus alunos de três e quatro anos, refletia em vários aspectos: na evolução do grafismo, na utilização de marcadores mais finos, na autonomia de algumas ações.

*Mais ou menos em meados de outubro, meus alunos de três e quatro anos, empurravam carrinhos e caixas com mais agilidade, rolavam, subiam e desciam de cadeiras, dançavam, empilhavam blocos e outros objetos. Exploravam e utilizavam os movimentos de preensão, encaixando lego, enfim, avançavam na segurança e agilidade dos movimentos.*

*Essa é uma análise geral do grupo, claro que existem crianças com um ritmo mais diferenciado; uns conseguem a curto prazo adquirir essas habilidades e outros demandam um tempo maior.*

Um fator importantíssimo para o desenvolvimento psicomotor da criança, é explorar a imagem do corpo. Le Boulch (1987) afirma que:

É indiscutível que desde o aparecimento até a permanência do objeto, existem fantasmas corporais, reflexos daquilo que o indivíduo viveu em suas relações com o seu ambiente. Estas imagens traduzem o interesse da criança pelo seu corpo e suas diferentes partes. ( Le BOULCH, 1987, p.16).

*Para que meus alunos desenvolvessem a sua imagem corporal, algumas atitudes foram tomadas. Foi colocado um espelho na sala de aula e ao seu lado, uma caixa com indumentárias para que as crianças usufríssem da sua imagem diante do espelho. Elas se maravilhavam à frente do espelho. Não percebi nenhuma recusa por parte das crianças, com relação ao espelho no grupo três e quatro.*

*A minha mediação foi incentiva-las a colocar as indumentárias e se olharem no espelho e daí então observa-las. As crianças se vestiam, pediam ajuda aos colegas e a mim, calçavam sapatos, colocavam acessórios e no meio a tudo isso a linguagem fluía.*

Le Boulch (1987) diz que a etapa do “corpo percebido” corresponde à organização do “esquema corporal”. Segundo ele, antes desse período, este conceito não tem fundamento, na medida em que descreve uma atividade perceptiva cujo desenvolvimento só será possível depois que a função de interiorização atingir a maturação.

Ele afirma que quando a criança, auxiliada pela experiência do espelho, já estabeleceu relação entre o vive e sente ao nível do seu corpo e a imagem especular, revela sua primeira personalidade.

*Observei que paralelo ao desenvolvimento motor, notava também o desenvolvimento da linguagem. Via que meus alunos a cada mês dispunha de um vasto vocabulário e compreendiam cada vez mais os questionamentos durante as rodas de conversas, na contação de histórias. Acredito que uma prática baseada na leitura, na contação de história e no envolvimento com músicas e canções populares é importante para o desenvolvimento da criança aliado a linguagem.*

*Toda minha observação durante a pesquisa, teve como suporte essas ações de ler histórias para as crianças; cantar com elas um rico repertório de canções infantis, elas se encantavam e com tudo isso íamos construindo os nossos laços de afetividade, tão fundamental para todo esse processo de construção do ser humano ao qual a psicomotricidade marca presença.*

Sobre a linguagem Fonseca (2012) explica a sua evolução:

Na evolução da linguagem, constatamos um progressivo distanciamento das condições concretas nas quais ela é produzida ou compreendida e do comportamento ou da ação que a acompanha, como vemos na sua hierarquia, desde a linguagem gestual imediata à linguagem falada e dessa à linguagem escrita. (FONSECA, 2012).

*Nós professoras, temos um papel importantíssimo nesse processo, o papel de mediador, atribuindo significados a linguagem, estimulando, ouvindo de forma sensível as narrativas das crianças. Existem várias formas de mediar, e uma delas é explicar a criança tudo que será feito. Observava que meus alunos, no decorrer da pesquisa, sentiam uma enorme necessidade de saberem tudo*

*que que iríamos fazer e tudo o que estava acontecendo, faziam perguntas referentes à várias questões: qual a merenda do dia; que horas iam embora; o que eu estava escrevendo, se podiam escrever também.*

Segundo Bassedas, Huguet e Sole (1999), durante o processo de aprendizagem da linguagem, a pessoa adulta desempenha a função de andaime para as realizações da criança.

A criança precisa do corpo em ação para que essa linguagem se configure, por isso também que o movimento é tão importante.

De uma prática que pouco contemplava o movimento da criança a uma prática com possibilidades de movimento, assim foi o meu percurso durante a pesquisa.

## **6.1 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nas reflexões sobre psicomotricidade, conclui-se que a mesma é de grande importância no desenvolvimento da criança, partindo da exploração do mundo e da descoberta do corpo através de atividades de orientação e preparação, e posteriormente pela direção e experiência corporal.

Então quanto mais experiências com o seu corpo a criança tiver, mais possibilidades de desenvolvimento psicomotor ela terá.

Esse desenvolvimento foi observado ao longo da pesquisa através de atividades direcionadas, livres.

Nas atividades direcionadas realizadas por mim, houve erros e acertos, na minha concepção, e tomando como referência as minhas buscas sobre psicomotricidade, crianças de três e quatro anos, não necessitam estar presas a atividades impressas de cobrir para desenvolver a coordenação motora fina como foi observado na minha prática. O que irá lhe garantir esse retorno, é a manipulação dos diversos objetos que nós professoras devemos disponibilizar na sala de aula, a exploração do ambiente. Da mesma forma é a garantia da

coordenação motora global, que não se consegue sentados longos períodos numa cadeira.

As atividades no parque é a grande sacada para o desenvolvimento de aspectos psicomotores da criança, aspectos que vão da coordenação motora fina, passando pela linguagem e afetividade à coordenação motora global.

Essa experiência de observação da minha própria prática, me possibilitou reflexões sobre minha postura como um todo diante dos meus alunos de três e quatro anos, reflexões que me fizeram perceber que mediar parte da conquista, e a conquista exige a afetividade na sua essência. A afetividade envolve compreensão, respeito, generosidade, humildade, compaixão, penso que tudo isso junto gera o amor ao outro, o amor de direito.

A psicomotricidade engloba tudo isso, ela surge nessas relações, porque o corpo fala, o corpo sente, o corpo vê e ouve. E a criança da educação infantil vive o corpo, muito mais do que nós adultos, porque elas estão em desenvolvimento, em formação.

Mediar atividades psicomotoras é dar possibilidades às crianças de explorarem o ambiente através do seu corpo, manipulando os objetos, conhecendo o seu próprio corpo. O professor precisa passar confiança durante essa mediação, confiança, no meu pensar, surge do estudo, da formação, da afetividade que é construída nesse processo de desenvolvimento da criança.

As crianças se machucam, isso faz parte do seu processo de desenvolvimento, privá-las de explorar o seu meio através do corpo, é tirar a sua infância.

Ao observar meus alunos de três e quatro anos, pude ir identificando aos poucos, suas facilidades e dificuldades de aprendizagem psicomotoras. Mediando os caminhos que pudessem conduzi-los a aprimorar suas capacidades e com isso identificar as potencialidades de cada um. Respeitei o tempo deles controlando assim a minha ansiedade e evitando comparações.

Com essa experiência obtida através dessa pesquisa, pretendo fazer um escrito com sugestões de atividades envolvendo a psicomotricidade.

## REFERÊNCIA

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre**: Imagens e autoimagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Grupo A, 2008.

BASSEDAS, Eulália. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BUENO, Jacian Machado. **Psicomotricidade teoria e prática**. São Paulo: Editora Lovise, 1998.

FERREIRA, Zenilda. **Tempos e espaços para brincar**: o parque como palco e cenário das culturas lúdicas. Florianópolis: Papyrus Editora, 2002.

FONSECA, Vitor da. **Manual de observação psicomotora**: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2012.

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO, Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

LE BOULCH, Jean. **Educação psicomotora**: psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artmed, 1987.

LEVIN, Esteban. **A clínica psicomotora**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisar a experiência**: Compreender/mediar saberes experienciais. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2015.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013.

NISTA – PICCOLO, Vilma Leni. **Corpo em movimento na educação infantil**. 1 ed. São Paulo: Telos, 2012.

ROSA NETO, Francisco. **Manual de avaliação motora**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO. **Referencial Curricular Municipal para educação infantil em Salvador**. Salvador: Secretaria Municipal da Educação, 2015.

ZAGONEL, Bernadete. **Brincando com música na sala de aula: jogos de criação musical usando a voz, o corpo e o movimento**. São Paulo: Saraiva, 2012.